

## LUTO PERINATAL E SUAS MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES: UMA REVISÃO NARRATIVA

YSABELLE DOURADO FERREIRA JARDIM<sup>1</sup>; VITÓRIA KOLOGESKI COSTA<sup>2</sup>;  
AIRI MACIAS SACCO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – ysabellejardim@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - vivikcostaa@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – airi.sacco@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Define-se “luto” como “pesar ou dor pela morte de alguém” (LUFT, 2009, p. 431). No entanto, de acordo com RIBEIRO ET AL (2022), o luto constitui-se de um processo emocional não restrito à morte, que pode partir, também, de uma perda ou mudança simbólica que exige ao indivíduo novas formas de organização. Assim sendo, é possível ampliar a percepção acerca do luto e posicioná-lo como um processo amplo, natural e cotidiano da vida de todas as pessoas, ainda que experienciado de maneira singular. Nessa lógica, a singularidade da relação com a morte, perdas e mudanças é concebida e influenciada, também, por perspectivas sociais (OLIVEIRA ET AL, 2022).

As perdas simbólicas não são consideradas legítimas pela sociedade e, muitas vezes, pelo próprio indivíduo que está sofrendo, estabelecendo um processo denominado de “luto não reconhecido” (RIBEIRO ET AL, 2022). Nesse sentido, CASELLATO (2015), afirma que a ausência de validação desse sofrimento pode gerar danos emocionais nas pessoas enlutadas, uma vez que impossibilita que elas exponham sua dor e dificulta seu processo de elaboração, o que, consequentemente, aumenta as chances desse luto se tornar patológico (SILVA, CARNEIRO E ZANDONADI, 2017).

Dentro do contexto da perinatalidade, termo utilizado para se referir ao período entre a concepção e o primeiro ano de um bebê (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022), existe uma multiplicidade de lutos que podem vir a ser vivenciados. Essa tendência justifica-se pelo entendimento desse período como uma preparação para a parentalidade, sendo composto por mudanças nos diversos aspectos da vida dos envolvidos, principalmente para a pessoa que gesta o bebê (ROCHA, LINARES e WEISS, 2023), devido à experiência física e psicológica da gestação e às mudanças hormonais (FARIAS E VILLWOCK, 2010).

A partir disso, o presente estudo tem como objetivo investigar as múltiplas possibilidades de lutos no contexto da perinatalidade. De forma mais específica, pretende-se entender como os lutos perinatais têm sido abordados nas pesquisas brasileiras, analisar os lutos perinatais não reconhecidos pela sociedade e discutir a importância dos estudos sobre o luto perinatal.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa e, portanto, um estudo qualitativo compreendido como uma descrição e reflexão do desenvolvimento de determinada temática a partir de uma análise não sistemática da literatura (ROTHER, 2007). Foram considerados oito artigos relacionados à temática “luto

perinatal”, encontrados na base de dados Scielo. Como critérios de inclusão definiram-se: artigos completos publicados em português, no período entre 2015 e 2025; estudos aplicados em território brasileiro. Por sua vez, os critérios de exclusão foram: artigos em língua estrangeira; artigos com mais de 10 anos de publicação; e estudos aplicados em outros países. Os artigos duplicados foram excluídos manualmente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O luto perinatal é referenciado como uma manifestação muito peculiar do processo de elaboração de perdas (OLIVEIRA ET AL, 2023) e o aborto e a morte fetal são seus determinantes mais recorrentes na literatura brasileira. Com isso, reitera-se a lógica de um reconhecimento mais sólido da vivência de luto quando em razão de morte. Ou seja, a incidência dessas temáticas na análise relacionam-se à associação imediata com o fim da existência, portanto, pela ausência de sinais vitais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009) após o aborto ou morte fetal.

Em relação ao diagnóstico de deficiências e outras condições de saúde durante o período gestacional, SANTOS e FARIAS, (2021) e OLIVEIRA ET AL (2023) reconhecem a vivência do luto diante do(a) filho(a) idealizado(a) no período de gestação, e a necessidade de um reposicionamento de expectativas. Assim sendo, a morte do bebê presente no imaginário - criado a partir de desejos narcisistas fundamentais para o estabelecimento de vínculo com o(a) filho(a) (FRANCO, 2015) -, acaba por inserir aqueles envolvidos subjetivamente na perda em um processo de reajuste psicológico individual (LEMOS E CUNHA, 2015).

A vivência do luto, ainda que não reconhecido na literatura, pode ser observada, também, na necessidade de um novo alinhamento de expectativas devido ao contexto de internação neonatal. Nessas situações, pessoas que gestam referem sofrimento significativo após a alta da maternidade, quando retornam para casa sem a presença física do bebê. Esse luto se manifesta sob aspectos físicos e emocionais e pode ter reflexos na necessidade de adaptação da construção da identidade materna (MENEGAT, DAHDAH, BOMBARDA E JOAQUIM, 2021).

Os estudos analisados revelam que, apesar das consequências subjetivas do luto perinatal para as pessoas que gestam serem profundas (LEMOS E CUNHA, 2015), as perdas e mudanças trazidas pela experiência da gestação não tendem a ser identificadas como processos de luto (LEMOS E CUNHA, 2015). Essa pode ser considerada uma lacuna, pois a evolução da gestação determina mudanças na percepção de si na dinâmica familiar (LEMOS E CUNHA, 2015): há perdas e ganhos de papéis e funções e, portanto, altera-se a significação subjetiva de sua posição social. A consciência sobre os impactos do luto materno, no entanto, não garante uma real valorização de suas particularidades (OLIVEIRA ET AL, 2022).

Outro aspecto profundamente enfatizado na literatura brasileira acerca do luto perinatal é a falha no processo de promoção de uma assistência efetivamente humanizada na conjuntura de perda gestacional (LEMOS E CUNHA, 2015). Há um sentimento de impotência gerado pela perda (VESCOVI E LEVANDOWSKI, 2023), que é intensificado pela falta de reconhecimento social e político do luto. Diante disso, OLIVEIRA ET AL (2023) expõem que a necessidade de valorização da expressão de dores físicas e a escuta e acolhimento de questões emocionais

devem ser considerados para a qualificação do atendimento prestado não apenas às pessoas que gestam, bem como aos familiares e equipes de saúde.

#### 4. CONCLUSÕES

Os artigos considerados para análise apresentam, de forma predominante, o tema do luto perinatal associado diretamente ao processo de elaboração da morte fetal ou aborto (LEMOS E CUNHA, 2015; PEREIRA ET AL, 2018; MENEGAT, DAHDAH, BOMBARDA E JOAQUIM, 2021 OLIVEIRA ET AL, 2022; VESCOVI E LEVANDOWSKI, 2023) e, em menor escala, da descoberta de deficiências (FRANCO, 2015; SANTOS E FARIAS, 2021; OLIVEIRA ET AL, 2023). Outras perdas e mudanças são abordadas pela literatura sem haver, no entanto, uma identificação desses processos como luto. Diante disso, evidencia-se a necessidade de reconhecer e nomear as múltiplas manifestações associadas a esse conceito, enquanto um processo natural e singular de elaboração de perdas (OLIVEIRA ET AL, 2023).

Os resultados das pesquisas reiteram a necessidade de se entender os processos de luto perinatal de forma personalizada, respeitando a história subjetiva de cada indivíduo. Diante disso, a importância da pesquisa sobre a temática do luto na perinatalidade se mostrou evidente, uma vez que pode contribuir com a qualificação de profissionais de saúde para lidar com os progenitores nesse contexto, tratada como um investimento necessário em grande parte dos trabalhos analisados. Por fim, os estudos demonstraram, ainda, que a atuação da equipe de psicologia é fundamental para fornecer o suporte necessário aos familiares e às equipes em sofrimento.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de vigilância do óbito infantil e fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal** [Internet]. 2<sup>a</sup> ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. <https://bit.ly/3Cb6iFg>

CASELLATO, Gabriela et al. **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. Summus Editorial, 2015.

DA ROCHA, C. N.; LINARES, I. M. P.; WEISS, J. V. P. Entendimento da perinatalidade a partir do modelo de seleção por consequências. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, 2023 p. 003-018.

DA SILVA, S.; CARNEIRO, M. I. P.; ZANDONADI, A. C. O luto patológico e a atuação do psicólogo sob o enfoque da psicoterapia dinâmica breve. **Revista Farol**, 2017. v. 3, n. 3, p. 142-157.

FRANCO, V. Paixão-dor-paixão: pathos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência. **Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental**, 2015, 18(2), 204–220. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p204.2>

LEMOS, L. F. S.; CUNHA, A. C. B. da. Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 2015, 35(4), 1120–1138. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001582014>

LUFT, C. P. **Minidicionário LUFT**. 22<sup>a</sup> ed. São Paulo, SP: editora ática, 2010.

MENEGAT, D.; DAHDAH, D. F.; BOMBARDA, T. B.; JOAQUIM, R. H. V. T. Processo de construção da identidade ocupacional materna interrompida pelo luto. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 2021, 29, e2134. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE2134>

PEREIRA, M. U. L.; GONÇALVES, L. L. M.; LOYOLA, C. M. D.; ANUNCIAÇÃO, P. S. da.; DIAS, R. da S.; REIS, I. N.; PEREIRA, L. A. S.; LAMY, Z. C. Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. **Revista Paulista De Pediatria**, 2018, 36(4), 422–427. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2018;36;4;00013>

RIBEIRO, P. K. S. et al. Diferentes processos de luto e o luto não reconhecido: formas de elaboração e estratégias dentro da psicologia da saúde e da terapia cognitivo-comportamental. **Brazilian Journal of Development**, 2022. v. 8, n. 4, p. 30599-30614.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta paul. Enferm 2007; 20(2):v-vi.

SANTOS, J. H. A.; FARIAS, A. M. Ser Mãe de Criança com Microcefalia: Do Ideal ao Real na Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV). **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2021. v. 41, n. spe3, p. e193951.

OLIVEIRA, H. T. L. de.; FONSECA, L. F.; ESTANCIONE, L. M. B.; CORRÊA, M. C. S. M.; OLIVEIRA, N. de R.; DIAS, V. do V. V. A. Pesar no óbito fetal: luto sem voz. **Revista Bioética**, 2022, 30(3), 644–651. <https://doi.org/10.1590/1983-80422022303558PT>

OLIVEIRA, P. S. de.; LAMY, Z. C., GUIMARÃES, C. N. M.; FERREIRA, R. H. de S. B., OKORO, R. D. S.; BATISTA, R. F. L.; LAMY FILHO, F. Sentimentos, reações e expectativas de mães de crianças nascidas com microcefalia pelo vírus zika. **Cadernos Saúde Coletiva**, 2023, 31(4), e31040210. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202331040210>

VESCOVI, G.; LEVANDOWSKI D. C. Percepção Sobre o Cuidado à Perda Gestacional: Estudo Qualitativo com Casais Brasileiros. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 2023, 43, e252071. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252071>

World Health Organization. **Guide for Integration of Perinatal Mental Health in Maternal and Child Health Services**. Geneva, 2022.